

NOVAS MEDALHAS

Embora a arte medalhística em Portugal não tenha aquela popularidade que exige o valor dos actuais artistas gravadores portugueses, tem-se notado, últimamente, uma certa profusão de belíssimos trabalhos desta arte, nascidos de mãos portuguesas.

Podemos afirmar até que hoje, a arte da medalha no nosso País, tem tido um grande desenvolvimento e que nos libertamos, finalmente, da tutela medalhística estrangeira, pois possuímos já um escol florescente de autores de medalhas, cuja actividade muito contribuirá, sem dúvida, para o engrandecimento desta arte em Portugal, que mais do que qualquer outra, tem o admirável mérito de perpetuar os factos mais notáveis da História do Povo e de eternizar até, digamos, a memória dos seus Vultos mais queridos. Justo é destacar aqui, que para este facto muito tem contribuído a fecundidade e aptidão artística do grande escultor João da Silva, artista eminente que, com excepcionais qualidades, se tem dedicado a este ramo da arte.

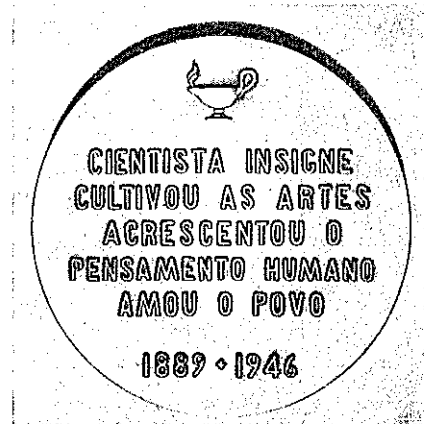
A origem da medalha, pròpriamente dita, segundo a opinião de alguns autores, deve-se ao extraordinário engenho artístico do célebre pintor italiano António Pisano, vulgarmente conhecido por Pisanello, nascido em Verona no ano de 1397. Desenvolveu-se extraordinariamente, o seu culto em vários países da Europa, tendo tido em França uma tal expansão, que pode talvez afirmar-se que é este o país da medalha, onde a sua evolução artística foi mais uniforme e completa, mercê sempre da existência de uma espantosa plêiade de mestres gravadores.

Em Portugal, o fabrico de medalhas, cuja primeira tentativa me parece ter sido a célebre «CONCEIÇÃO», no reinado de D. João IV, foi durante séculos subsidiário do engenho e habilidade manual de estrangeiros, e raros portugueses se lhe dedicaram.

João de Figueiredo, Borja Freire, António Vale, José Arnaldo Nogueira Molarinho, e poucos mais, são nomes que ficaram, incontestavelmente, mas os seus trabalhos estavam longe de se enquadrar na riqueza artística da produção medalhística estrangeira da época.

No nosso País, a evolução artística da medalha, tem sido interpolada, lenta, difícil, quer, por não encontrar no público um ambiente próprio para a sua expansão, devido a um certo esoterismo que lhe é peculiar, quer, pela falta de conveniente protecção oficial.

A sua história, apesar de algumas interessantes tentativas, está ainda por fazer com a devida profundidade. Artur Lamas iniciou uma Memória Histórica e Descritiva, de que só publicou a I Parte: Medalhas Comemorativas. E foi pena que o competente autor não concluísse o seu plano, pois o fôlego com que foi iniciado fazia prever um fecundo estudo de investigação medalhística. O volume publicado, é ainda hoje o melhor sobre o assunto e quase o único consultável.



Esperemos que o actual impulso dado a esta subtil, delicada e sedutora «arte sintética», como já algures foi designada, desperte, novamente, o desejo dos especialistas lhe traçarem a respectiva história. Pois embora o panorama medalhístico português tenha sido bastante sumário e escapasse, principalmente no século XIX, ao esplendor e brilho com que floresceu noutros países, como a Itália, Alemanha, Holanda e França, não perdeu as suas especiais características de perpetuar o passado.

Hoje, vamos iniciar nas colunas da «NMMMVS» o noticiário da gravura de medalhas de que nos for dado o conhecimento, muito agradecendo, aos seus autores, o envio de fotografias ou desenhos das suas faces, que aqui ficarão como uma espécie de galeria iconográfica, ou repositório de documentos metálicos. Começaremos pela última meda-

lha cunhada na Casa da Moeda, como tributo à memória do «Professor Doutor Abel Salazar :

Da autoria do escultor Numídico Bessone, esta medalha foi cunhada para ser vendida a favor da Casa-Museu do Ilustre Homem de ciência, de S. Mamede de Infesta. De modelação simples, mas excelente desenho, nota-se-lhe a sensibilidade do seu autor. No anverso, pode-se admirar-lhe o vigor fisionómico do retratado, verdadeiro estudo psicológico da sua estrutura científica. No reverso, por baixo de uma simbólica lâmpada bruxuleante, foi gravada uma magnífica inscrição, síntese das atitudes espirituais do homenageado.

Desta medalha fizeram-se já 200 exemplares de bronze, 25 de prata e 1 de ouro. Prevê-se uma nova tiragem de algumas centenas, em virtude da grande procura que tem tido.

Abel Salazar, foi na verdade um grande vulto na vida intelectual portuguesa, com luminescentes projecções em todo o mundo culto. Este documento metálico ficará a assinalar na amplidão do tempo, a superior personalidade do Homem de pensamento que, CIENTISTA INSIGNE — CULTIVOU AS ARTES — ACRESCENTOU O PENSAMENTO HUMANO — AMOU O POVO.

Agosto de 1953.

ALEXANDRE FERREIRA BARROS.